

# *Uma última dança, milady?*

*Para os desejos do coração não há limite: nem o tempo*



MEGAN MAXWELL

 **essência**



MEGAN MAXWELL

*Uma última  
dança, milady?*

 essência

*Tradução*

Sandra Martha Dolinsky

 essência

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Megan Maxwell, 2021

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky

Todos os direitos reservados.

Obra editada em colaboração com Editorial Planeta, S.A.- Espanha

Título original: *¿Un último baile, milady?*

Preparação: Ligia Alves

Revisão: Mariana Muzzi e Diego Franco Gonçalves

Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos

Capa: Renata Vidal

Imagem de capa: Lee Avison/ Trevillion Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Maxwell, Megan

Uma última dança, milady? / Megan Maxwell; tradução de Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

416 p.

ISBN 978-65-5535-820-9

Título original: *¿Un último baile, milady?*

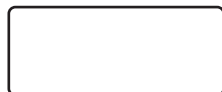
1. Ficção espanhola I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

22-2885

CDD 863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção espanhola



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)



— JÁ VAI TARDE!

— Yaya!

— Minha linda, se eu não falo, explodo!

Quando ouço minha avó dizer isso, tenho que rir porque, como sempre, ela está *hilária*.

Acabei de contar a ela o que aconteceu com meu último ficante. Isso mesmo, “ficante”, porque namorado propriamente dito nunca tive na vida, e ela, que adora um dito popular, fez esse comentário.

Estou olhando para ela, morrendo de rir, quando ouço mais:

— Esse rapaz não era para você.

— Lá vem... — respondo, rindo.

— Eu te disse no dia em que o conheci, minha linda, como falou a sua amiga Kim. Rafita é bonito, mas bobalhão, e tem menos personalidade do que aqueles bichinhos de que você tanto gostava... como se chamavam?

— Teletubbies.

— Isso — confirma, sem repetir o nome, porque ela sempre erra. — Você, sendo minha neta, merece coisa melhor!

— Um príncipe, no mínimo — brinco.

Minha yaya assente. Para ela, sou a melhor das melhores, apesar de meus trezentos mil defeitos. Vendo que estou rindo, ela sussurra:

— Um príncipe ainda seria pouco para você.

Caio na gargalhada enquanto ela continua falando.

Por sorte, minha avó é fora da curva. Apesar de ter setenta e cinco anos e enfrentar os males próprios da idade, Consuelo – esse é o nome dela – é uma mulher ativa, que sai, entra, viaja com as amigas, e não venha falar de crochê ou ponto cruz, porque ela é mais de salsa e merengue.

Além de um monte de ditos populares, com ela aprendi a me valorizar como pessoa e, especialmente, como mulher. Segundo minha avó, se for para eu me casar um dia, vou me casar, mas enquanto estiver solteira, minha única missão é curtir a vida e o sexo com total liberdade.

Palmas para minha yaya!

Sou espanhola, especificamente de Madri. De pai americano e mãe madrilense. Ambos eram biólogos com uma vida muito intensa e apaixonada. Eles se conheceram na Holanda, em um congresso de biologia celular, e em menos de três meses eu disse: “Estou chegando!”. Então, eles se casaram e foram morar na Espanha.

Meses depois eu nasci, em Madri. Se de alguma coisa minha mãe tinha certeza, era de que queria que seu bebê fosse espanhol; mas, quando eu estava com dois meses de vida, nós três fomos morar no Texas, onde tive uma infância plena e feliz. Eu era apenas mais um moleque entre meus primos, todos meninos, e me transformei na menina mais bruta da história. Só que, quando eu completei quinze anos, em uma das viagens que meus pais fizeram à Índia, houve uma inundação e, infelizmente, os dois faleceram. E com isso fui morar com minha avó na Espanha.

No começo foi meio caótico. Toda a minha vida desmoronou como um castelo de cartas, mas reconheço que minha yaya, com sua personalidade arrebatadora, fez tudo e mais um pouco para que eu continuasse sendo feliz.

Ela não queria que eu sentisse saudade do Texas, e me matriculou em um colégio bilíngue muito metido a besta, onde continuei com as atividades que fazia nos Estados Unidos, como equitação e boxe – por causa do meu pai – e dança – por causa da minha mãe. E a isso minha yaya acrescentou o violão. Ela adora Paco de Lucía e queria que a sua neta aprendesse a tocar esse instrumento.

A morte dos meus pais, somada à força que minha avó insuflou em mim quando eu era adolescente, me fez tomar decisões. A primeira foi viver a vida com a mesma intensidade que meus progenitores, curtindo cada minuto do dia. A segunda foi ser uma mulher livre e independente. E a terceira, ser médica e virologista. Decidi que eu, Celeste Williams Álvarez, acabaria com os vírus do mundo.

Durante alguns anos mantive contato com a minha família texana. Mas a distância e o tempo acabaram com tudo. E, embora eu guarde uma bela lembrança deles e de suas fazendas de cavalos, minha vida agora está na Espanha.

Junto com a minha avó e nosso cachorrinho Camarón, fui imensamente feliz em nosso apartamentinho de cinquenta metros quadrados na rua Delicias, até que, quando fiz vinte anos, minha yaya me surpreendeu ao me dar de presente o apartamento da frente, que ela comprou quando a dona, sra. Almudena, faleceu.

Na opinião dela, com vinte anos eu precisava do meu espaço. Na minha opinião, ela, aos sessenta e cinco, precisava mais do que eu. Por fim, me mudei para o apartamento da frente, meio contrariada; mas foi me mudar para entender aquele ditado que diz “Quem casa quer casa”. Morávamos juntas no mesmo corredor, mas cada uma em seu espaço e com suas regras.

Que maravilha! Ninguém mais me enchia o saco se eu deixava meio copo de leite sem beber.

No ano seguinte, enquanto eu cursava medicina, minha yaya me disse que tinha pensado em vender seu apartamento, comprar outro em Benidorm, na prainha, e se mudar para lá para viver com Camarón.

Sem hesitar, dei a maior força. Se minha avó queria praia, teria praia. Eu moreria de saudade, pois ela é minha única família, mas queria vê-la contente e feliz.

A partir de então, quando ela vem a Madri, fica comigo, e quando eu quero ir à praia vou a Benidorm. Tudo perfeito.

— Olha, Chati e Pacita estão vindo — aponta minha yaya.

Imediatamente me viro e vejo suas amigas. Elas se aproximam de nós sorrindo e, depois de trazer duas cadeiras para a nossa mesa, pedem duas orchatas e começam a conversar.

Estou escutando o papo em silêncio quando meu celular apita. É uma mensagem de WhatsApp de Kimberly, que pergunta:

O que sua yaya disse?

Leio, sorrio e penso em Kim. É minha melhor amiga, que apareceu na minha vida no momento certo.

Quando minha avó foi morar em Benidorm, deixei de andar a cavalo, esqueci as aulas de dança e também desisti das aulas de violão no conservatório. Não pretendia ser jóquei, nem bailarina, nem violonista. Mas continuei com as aulas de boxe. Exercício é bom para mim, e dar socos no saco de pancadas me ajuda a desestressar.

Nos seis primeiros meses, foi estranho chegar em casa e não ter minha vó lá para sentarmos em sua sala ou na minha para ver uma série ou um filme, por isso decidi alugar um quarto do meu apartamento. Comentei com yaya e ela gostou da ideia. Por que não?

Portanto, coloquei um anúncio no mural da universidade; assim que o preguei no quadro de cortiça, Kimberly o viu e me procurou. Havia acabado de chegar à Espanha para cursar administração e aperfeiçoar seu espanhol. E, assim que nos conhecemos, nos conectamos de forma inexplicável.

Um dia depois ela se mudou para minha casa, e ainda lembro o susto que tomei quando, ao levantar na manhã seguinte, os olhos pretos da garota que eu havia conhecido no dia anterior estavam de cor violeta.

Eu nunca na vida tinha visto olhos como os seus, e ela rapidamente me explicou que, cansada de ouvir todo mundo comentar sobre isso, fazia anos que decidira usar lentes de contato.

Ora, nem morta eu usaria lentes se tivesse uns olhos desses!

Nós gostávamos das mesmas músicas, de ir a shows e a lojas de antiguidades, de ler livros românticos, e éramos loucas por cinema e séries de televisão. Em especial filmes esquisitos de magia e fenômenos bizarros.

Nem preciso dizer que, quando Kim e minha yaya se conheceram, foi amor à primeira vista. Foi tamanha a conexão entre as duas que às vezes a neta parecia ela, e não eu. E, quando queria provocá-las, bastava eu comentar isso que ambas duplicavam seu amor por mim.

Sou tão egoísta às vezes!

Para ir comigo à academia, Kim fazia aulas de aeróbica enquanto eu fazia boxe. Aguentou dois meses e no terceiro desistiu; esporte não é a sua praia. Mas Kim adorava quando, à tarde, em casa, incentivada por ela, eu pegava o violão e começava a cantar. Interpretar canções de Amy Winehouse, Dani Martín, George Michael, Melendi, Alejandro Sanz, Dvicio ou da Pausini, acompanhada por meu violão, era uma coisa que nós duas curtíamos muito, e mais ainda quando ela melhorou seu espanhol e aprendeu as letras.

É claro que as músicas de Paco de Lucía continuaram presentes em minha vida. Tocar qualquer canção dele, especialmente “Entre Dos Aguas”, a preferida de minha yaya, me fazia sorrir e senti-la ao meu lado.

Descobri em Kim uma particularidade que adoro. Ela é incrivelmente intuitiva, dessas pessoas que percebem as coisas antes de que aconteçam. Ora, eu bem que gostaria de ter o sexto sentido que ela tem. Mas os números da loteria ela nunca acerta.

Como eu sei que ela adora coisas estranhas, no seu aniversário comprei dois ingressos para um *tour* noturno pelo bairro de Madrid de los Austrias, que incluía visitar casas encantadas e ouvir sobre lendas, fantasmas e mistérios.

Curtimos demais a experiência!

Foi incrível!

Depois desse *tour*, decidimos fazer muitos outros, que incluíam histórias de personagens que, segundo se dizia, haviam viajado no tempo.

Que loucura, né?

Kim e eu somos leitoras vorazes de livros de história. Adoramos descobrir como foi o mundo antes de chegar ao que é hoje. Mas o que nos emociona mesmo são livros românticos.

O amor é tão lindo... embora, por enquanto, ainda não tenha chegado para nós...

O legal de lê-los é que nós curtimos muito. O ruim é que as expectativas de encontrar um desses gatinhos por quem nos apaixonamos são tão altas que rimos pensando que, no fim, vamos mesmo ficar sozinhas.

Adoramos histórias do passado. Somos capazes de ficar até altas horas falando de personagens que viveram em outras épocas, descobrindo seus casos de amor e seus segredos sórdidos. Porque segredos sórdidos existem em todas as épocas, seja na classe social que for.

Durante essas conversas sobre milhares de coisas, um dia contei a ela que o poeta inglês Rupert Chawner Brooke, nascido no fim do século XIX – e descrito como o homem mais bonito da Inglaterra –, tinha sido meu amor platônico na adolescência. Kim achou engraçado, e depois de minha confissão, me revelou o nome do dela: um conde inglês chamado Caleb Alexandre Norwich, que viveu durante a época da Regência e que ela chama de “Boneco”.

Não encontramos nenhuma foto dele em lugar nenhum, como foi o caso de Rupert, mas as descrições dela me mostravam um Caleb alto, moreno, viril e interessante. Um homem! Dá para entender por que Kim baba por ele.

Também me falou de um tal de Gael. É um garoto que ela conhece desde pequena, e com quem ela tem algo desde a adolescência, mas os dois vivem terminando e voltando. A última vez foi por culpa de Kim, quando ela veio estudar na Espanha. E, embora ela não diga nada e se faça de durona, eu sei que pensa nele. Eu sei pelo jeito como ela sorri ao falar de Gael, e ela só sorri desse jeito quando sente uma coisa especial de verdade.

Com o tempo, minha amiga passou a ser minha irmã. Como costumamos dizer, somos *amirmãs*. Eu ensinei a ela danças espanholas como as *sevillanas*, a *sardana*, o *chotis*, a *muñeira* e a *jota*, e até o *country*, que meu pai, como bom texano, havia me ensinado, e ela me ensinou danças inglesas e escocesas antigas e esquecidas.

Muito legal!

Um dado sobre mim é que, reconheço, sou louca por redes sociais. Kim não; na verdade, ela odeia. Mas eu tenho meu próprio canal no YouTube, onde, além de falar de vírus, faço resenhas de livros, filmes e séries. Também tenho Facebook, TikTok, onde posto vídeos idiotas que acho engraçados, Twitter e Instagram. Como acabei de dizer, adoro redes sociais, e minha yaya também. Ela se diverte vendo os *posts* no celular!

Também adoro tatuagens. Nisso sou muito mais corajosa que Kim, que vê uma gota de sangue e fica tonta, além de morrer de medo de doenças. Se aparece uma espinha no seu rosto, já acha que é um tumor.



A primeira tatuagem que fiz, na costela esquerda, diz “Made in Spain”. Quando minha yaya viu e soube que eu tinha feito em sua homenagem, não conseguia parar de rir.

Também tatuei no meu monte de Vênus “Tell me what you want”, que significa “Peça-me o que quiser”.

Escandaloso... eu sei.

Fiz essa tatuagem por causa de um livro que me fez ver e entender o sexo de outro ponto de vista. Ahhh, sr. Zimmerman... onde posso encontrá-lo?

Ao longo desses anos, Kim terminou o curso de administração e eu o de medicina. Ela aperfeiçoou o seu espanhol e eu o meu inglês, pois, verdade seja dita, ele é muuuuito americano. Especialmente, aperfeiçoamos os palavrões, que nós duas adoramos.

Depois da faculdade, Kim decidiu voltar para Londres. Foi tão triste! Eu estava sozinha de novo!

Ela me incentivou a acompanhá-la. Eu poderia morar com ela e arranjar um emprego como médica lá, mas naquele momento não aceitei. Queria continuar estudando na Espanha para ser virologista. Meu propósito estava perto, e eu não queria me afastar tanto de minha yaya.

Pouco depois de se mudar, Kimberly começou a trabalhar em uma editora e, hoje em dia, anos depois, é editora-chefe de seu próprio selo. E, pelo que me conta, está indo muito bem.

Palmas para minha inglesa!

Já eu não tive tanta sorte. Depois do curso de medicina, prossegui com minha formação em virologia. Aluguei de novo o quarto para outra estudante, mas ela não passou do mês de teste. Era um horror, e logo vi que queria que eu fosse sua empregada. Nem pensar!

Quando ela foi embora, decidi não alugar mais o quarto e, para ter renda e não pedir dinheiro à minha yaya, comecei a trabalhar. Arranjei um emprego de caixa em um supermercado que durou dois anos e, quando o contrato acabou, comecei a trabalhar como diarista.

Naquela época, era sempre Kim que vinha me visitar na Espanha. Minha renda, embora não fosse ruim, não dava para viver, estudar e viajar. Em várias ocasiões minha amiga quis pagar minha passagem para Londres; queria me mostrar a casa dela. Tentou de todo jeito, mas eu recusei. Uma coisa era ficar hospedada na casa dela uns dias, e outra bem diferente era deixar que ela pagasse a minha passagem. Meu orgulho não me permitia, e ela finalmente entendeu e respeitou.

Acabei meus estudos e me tornei virologista! Havia conseguido aquilo que me propusera quando criança e estava muito feliz. E minha yaya mais ainda! Agora eu poderia ajudar o mundo curando doentes e combatendo os vírus. Só que, quando tentei encontrar emprego na área no meu país, foi impossível! Se ser médica era complicado, virologista então...

Diante disso, Kim tornou a me pedir que eu me mudasse para Londres. Lá ela poderia me ajudar, pois tinha contatos, mas de novo recusei. Minha avó estava ficando velha e eu não queria morar longe dela.

Com o passar dos meses, graças a meu nível de inglês, comecei a trabalhar com consultoria. O salário não era fenomenal, mas pelo menos eu tinha uma renda enquanto procurava emprego de médica em alguma clínica ou hospital.

Disposta a conhecer gente, e incentivada pela minha avó, que é mais moderna do que eu em determinadas coisas que poucos entenderiam, baixei o Tinder. Sempre tinha ouvido falar dele, mas nunca havia resolvido entrar.

Nesse app, subi várias fotos minhas, bem bonitas, vi outras de alguns gatinhos e dei *like*. Foi uma emoção ver que alguns deles retribuíram os *likes* e nós demos *match*.

Que jeito maravilhoso de arranjar alguém!

Mas logo descobri que esse aplicativo é uma faca de dois gumes, que tem muitos Pinóquios que mentem descaradamente e que é preciso ter cuidado. Mesmo assim, continuei brincando com os *likes*, e foi quando conheci Rafita e – que ilusão – achei ter encontrado um homem especial. Moreno, olhos escuros, alto, divertido e cheio de energia. Que sorte a minha!

Mas, depois de um relacionamento de oito meses, durante a tradicional ceia de Natal da empresa, ao entrar no banheiro feminino eu o peguei trepando – falando em linguagem bem chula – com a filha do dono da consultoria onde eu trabalhava.

No começo fiquei tão pasma que não sabia o que dizer nem o que fazer.

Rafita e Adelina? Como era possível? Sério isso?!

Como acontece sempre quando tenho que enfrentar algo que me choca, surgiu na minha mente minha heroína Amelia Shepherd, uma das médicas da minha série preferida, *Grey's Anatomy*. Lembro que ela em um episódio em que precisava enfrentar algo que a desconcertava, adotava uma postura de super-heroína: pernas separadas, mãos na cintura, peito para a frente e cabeça bem erguida. Isso lhe dava poder.

Pois bem, essa postura também me dava poder, e o soco que dei na boca do estômago de Rafita, seguido de um de esquerda no nariz, foi colossal.



O resultado? Fui demitida da consultoria e agora o bobalhão do Rafita ocupa meu cargo lá, ao lado de Adelina.

No dia seguinte a esse desastre, Kim me ligou. Suas primeiras palavras foram: “Eu senti que...”, e eu terminei a frase por ela. Kim e seu sexto sentido sempre certo.

Dois dias durou minha tristeza. Nem unzinho a mais.

Porque, como sabiamente diz minha yaya, antes só do que mal acompanhada. E eu concordo!

Portanto, decidida a retomar minha vida, voltei ao mundo do Tinder e também tatuei sobre a costela esquerda a frase “Everything happens for a reason”, ou seja, “Tudo acontece por alguma razão”.

Com minha autoestima de novo em alta e meu celular cheio de *matches* de uma infinidade de gatinhos, tomei a decisão de mudar de vida. E, mesmo me sentindo *made in Spain*, comecei a pensar na possibilidade de ir morar em outro país.

Por que não?

Conversei com Kim. Ela de novo me ofereceu ficar na casa dela e, dois dias depois, ligou e me disse que conseguia me arranjar um cargo de médica em um hospital. Quanto à virologia, depois veríamos!

Caramba, que oportunidade!

O que eu devia fazer? Ir embora? Ficar?

E aqui estou eu agora, em Benidorm, pensando em como falar sobre isso com minha yaya e ver o que ela me diz.

Estou pensando nisso tudo quando as amigas dela se levantam, se despedem e vão embora. Encantada, sorrio ao ouvir minha avó dizer:

— Quando é que você vai dizer o que tem para me dizer?

Olho para ela boquiaberta. Minha yaya, como bruxa, não tem preço. A seguir, ela pega minha mão e sussurra:

— Minha linda, eu sou a pessoa que mais te conhece no mundo. E, pelo jeito como está me olhando, eu sei que você veio me contar alguma coisa a mais que o término com aquele sonso do Rafita.

Sorrio; minha yaya é demais. E, respirando fundo, solto de um fôlego só:

— Kim consegue me arranjar um cargo de médica em um hospital, mas é em Londres, e para isso eu teria que me mudar para lá. E eu... não sei se quero viver tão longe de você, porque... porque...

— Por quê? — pergunta minha avó.

Ver seu rosto, seus lindos olhinhos, me incentiva a me abrir.

— Porque eu tenho a sensação de que vou estar abandonando você. Por isso. Assim que falo, sinto todo o meu corpo relaxar. Minha avó me olha e assente. Depois sorri e murmura:

— Eu sempre quis conhecer Londres, e, com você lá, vai ser uma grande oportunidade.

Sorrio. Como sempre, minha yaya tenta facilitar minha vida.

— Meu bem — acrescenta —, você tem trinta anos. É uma mulher bonita, jovem, inteligente e independente que, sem sombra de dúvida, vai conquistar seu futuro. Portanto, deixe de bobagem; não diga que vai me abandonar, porque isso não é verdade.

— Mas...

— Nem “mas” nem meio “mas” — interrompe ela. — Eu mesma comprei uma casa em Benidorm e deixei você em Madri estudando; por acaso você se sentiu abandonada? — Nego depressa com a cabeça e ela insiste: — Londres é logo ali. São umas três horas de avião, e, enquanto eu puder ir ver você ou você puder vir me ver, qual é o problema? Ande, vá ser médica e feliz. Pode até ser que encontre o amor por lá.

— Yaya, você sabe que eu não curto muito os ingleses.

— Toda panela tem sua tampa — diz ela, divertida. Ambas rimos, e depois ela acrescenta: — Se você vai ficar com Kim, sei que ficará bem, assim como sei que não vai me esquecer. Então, vá para Londres, se não vou ficar brava!

Emocionada, pego as mãos dela, essas mãos que tantas vezes enxugaram minhas lágrimas, agasalharam meu corpo ou me fizeram cócegas, e murmuro:

— Tem certeza, yaya?

Com os olhos cheios de emoção, ela assente.

— Tanta certeza quanto tenho de que meu nome é Consuelo e de que sou avó da melhor neta do mundo.

Ai, vou chorar... Minha yaya é demais!

— Você é a melhor coisa do meu mundo — sussurro. — Obrigada por ser parte da minha vida.

É inevitável: nós nos abraçamos e choramos, emocionadas. Somos duas choronas!